

# A PAZ

RUBEM BRAGA

Há muita coisa a discutir sobre o livro "Anatomia da Paz", de Emery Reves. A força de ser simples e lógico, o autor nos dá às vezes impressão um pouco penosa de que sacrificou um tanto o senso da realidade ao amor das fórmulas.

Mas a verdade é que Reves chama a nossa atenção com insistência para alguns fatos que, de tão evidentes, somos tentados, às vezes, a negligenciar. Seu livro parece otimista quando ele não vê nenhum obstáculo a que o mundo capitalista possa coexistir em paz com o mundo socialista. E parece pessimista quando ele não acredita que se possa obter uma paz durável a não ser com a criação de um organismo superior aos Estados nacionais, um organismo que disponha de força armada, que imponha a todos os países uma lei — não simples tratados e acordos. Reves não advoga a supressão dos Estados nacionais. Nesse seu mundo novo eles

poderiam continuar existindo como continuam a existir — por exemplo, no Brasil — a família, o município, o Estado, apesar da soberania da União.

O autor parece um tanto paradoxal quando se bate contra a nacionalização dos meios de produção — não com argumentos de defesa do regime capitalista, mas porque isso se contrapõe ao seu ideal universalista, fortalecendo a "soberania" do Estado Nacional. Essa contraposição nos parece formal ou, pelo menos, temporária; e de qualquer modo é um processo tão lógico de evolução que combatê-lo fica sendo algo tão ingênuo como o gesto dos gandistas que combatem a existência de fábricas de tecidos por serem inglesas — como se fôsse inerente às fábricas de tecido a nacionalidade inglesa.

De qualquer modo, o que resulta da leitura desse livro é uma grave melancolia. Reves propõe remédios que apresenta como únicos e insubstituíveis — e o diabo é que não vemos, no panorama da política internacional de hoje, nenhum sinal de que alguém pense em adotar os remédios propostos pelo autor. A conclusão a tirar é que vamos para outra guerra — outra guerra entre Estados nacionais ou blocos de Estados. Não poderia ser pior, e não creio que seja fatal; mas é horrivelmente provável.

8. 11. 49

4. 12. 46

267